

Wilson Figueiredo

Passou por aqui recentemente um dos maiores milionários do mundo e exibiu à classe média brasileira o seu êxito como uma lição acessível de capitalismo pessoal. Malcolm Forbes deixou no ar, com doce cheiro de sucesso, uma observação preciosa que caiu no chão e no chão ficou. O que achava de ter o Brasil a maior dívida do mundo? Com o otimismo dos milionários, Forbes disse que, pelo outro lado, via a dívida como o maior crédito do mundo.

Quem se interessar em aferir a enorme diferença entre Sarney e JK, é só comparar o desprezo com que Sarney recebeu o ilustre visitante e raciocinar com JK: apanharia no chão a frase e faria as honras da casa ao seu autor. JK era, além de anfitrião, um otimista autêntico.

Os pessimistas torceriam o nariz, porque tão cedo o brasileiro não será capaz de converter a dívida em crédito. É uma quinta operação mental, que ainda não aprendemos. Quem vive de prazo é o otimista, que se tornou um prestamista do futuro a perder de vista. Em geral perde tudo, mas lhe fica a esperança. Está aí a classe média para testemunhar.

O partido nacional que mais cresce nos últimos tempos, não há a menor dúvida, é o dos pessimistas. Havia caído muito, política e economicamente, desde os anos cinqüenta. Nem as duas crises internacionais do petróleo conseguiram reabilitá-lo. Quase perde o registro por desatender à exigência mínima para ser representativo. Não estava escrito, nem foi eleito, mas o presidente Sarney se encarregaria de reabilitar o pessimismo nacional de maneira fulminante. Só consegui sobreviver como uma facção desprezível aos olhos do triunfalismo.

Os otimistas que estão no poder, e conseguiram resistir às crises do petróleo e à falta de petróleo, trataram de dourar a lembrança dos anos cinqüenta que, depois de duas décadas e meia, ninguém iria mesmo conferir. Uma baleia, os dourados anos cinqüenta. Houve foi uma certa coincidência entre a proclamação da nova república (que não passa do efeito da aplicação de Kaol sobre a velha) e a apoteose com que se monta, no melhor estilo do teatro-revista, um período que merece mais respeito. No tempo de Walter Pinto — *Tem Bubu-bu no Bó-bó-bó* — além da onomatopéia havia escadas, mulheres e plumas em profusão de luzes. Cairia melhor o presidente Sarney, em cima do cruzado, recebendo aplausos num cenário coruscante e, no centro da apoteose, os otimistas órfãos.

A nova república apelou para os dourados. O PMDB lavou a égua nas eleições mas também, graças a Sarney, daí por diante os pessimistas registraram avanços substanciais de opinião pública. O otimismo saiu de moda. O fato sociológico veio a ser a inversão da tendência histórica que se mantinha desde os anos cinqüenta. Vendo-se em declínio, os otimistas providenciaram esse pechisbeque, que foi o cruzado, como uma bonificação especial para a classe média que há muito não recebia dividendos. Foi apenas um momento de alta de mercado, e uma queda profunda no supermercado.

Muito mais ponderados, os pessimistas só investem a longo prazo. O grande negócio deles é a história. Sempre se aliam à insatisfação humana, que no plano social faz às verdadeiras revoluções que são depois atribuídas aos ideólogos. Que protesto dá vazão ao sentimento de cidadãos que são avisados pelo arauto presidencial, através da televisão, de que a gasolina não vai subir, e uma hora depois a gasolina já subiu e a credibilidade oficial desceu pela mesma escada?

O Brasil preserva, com a ajuda de todos, a tendência ao bipartidarismo que independe do seu pluralismo, subscrito como capital social para o grande empreendimento democrático nacional: Temos o partido dos presidencialistas, que era majori-

tário, e os dos parlamentaristas em fulminante ascensão política, nenhum, por sinal, com registro para fins eleitorais. São partidos que aparecem e desaparecem conforme as necessidades políticas. Sobrevivem ao longo do acidentado século republicano como os outros dois, que também acolhem os sentimentos brasileiros: os pessimistas, mais afeitos à história, e os otimistas, mais dados à retórica. Não há brasileiro que, de coração ou por alguma convicção, não pertença a um deles.

O presidente Sarney é um forte candidato, até por eleição direta, ao reconhecimento histórico por parte dos pessimistas, sem a colaboração dos quais, na verdade, este país seria uma farsa até mesmo quando os fatos históricos acontecem em primeira mão. Não precisariam esperar a segunda oportunidade.

Os otimistas tiveram como padrinho de batismo o conde de Affonso Celso mas devem o seu grande surto contemporâneo ao padrinho de crisma, que foi o nosso JK. Fecham, de modo geral, com o nacionalismo mas acham que o Brasil dá para todos — e ainda sobra. Somos para o mundo a reserva natural que Deus criou no oitavo dia da criação, fazendo hora extra. Nasceram para jogar o melhor futebol do mundo.

Sarney pareceu inicialmente propenso a governar com o partido dos otimistas, mas faltava-lhe a aptidão que sobrava em JK. Falta-lhe aquela indiferença pelo perigo, que é o risco calculado do otimista. Nisso, ninguém melhor que JK. Esse partido sobrevive mesmo é da certeza de que o Brasil não conhece a contabilidade pública. Ninguém cobra de ninguém! O otimista é um bom negócio e a impunidade uma garantia.

Otimista ri à toa. Não foi o cruzado um sorriso só? Cada brasileiro em 1986 usufruiu distinta e simultaneamente o cidadão, reintegrado nos seus direitos políticos, e o contribuinte aliviado do seu quinhão fiscal. Sobrou-lhe ainda tempo para exercer a fiscalização dos preços. Os otimistas se serviram até que os preços ficaram fora do alcance de consumidor. Essa numerosa mão-de-obra a serviço voluntário da democracia fechou com o presidente Sarney e com os preços congelados.

Sarney nos pediu que fôssemos fiscais dele, mas, em vez dele, fiscalizamos os preços. Erro essencial de pessoa. Afinal de contas, em 86 não iríamos só aos supermercados, mas também às supereleições. O preço que merecia ser vigiado era o político, que acabou remarcado na cara do eleitor, logo depois de votar. Uma bofetada.

Onde andavam, por esse tempo, os sofridos pessimistas? Marginalizados desde os tempos de JK, inferiorizados pelo Cruzado, mas de plantão. A longo prazo, um pessimista acerta todas. Não precisou esperar muito. O otimismo ficou de repente com o jeito caipira. Nada mais jeca do que aquela ressalva de algebeira de que "tudo pode acontecer ao Brasil, inclusive nada".

Do sucesso à desdita do cruzado, o presidente Sarney e o seu ministro Funaro fizeram uma dupla que, no fim da temporada, parecia Alvarenga & Ranchinho: puro caipirismo otimista. Para os eruditos, eram Cândido e Pangloss, sem tirar nem pôr. Aliás, pondo. Os pessimistas são leitores de Voltaire e consideram Rousseau, com toda a bondade natural, um desenhado provinciano.

Os pessimistas tratam de fazer no presente outra leitura menos enfática da história ao vivo. No fundo, não passam de otimistas contrariados pelos fatos. São céticos quanto à possibilidade de qualquer risco político, por semelhanças de situação que são meras coincidências históricas. No seu rigor, no entanto, os pessimistas ficaram atentos ao aparecimento de uma figura que fosse para nós o que Rasputin foi para o czarismo russo. Nem sinal. Já iam perdendo as esperanças quando o irmão Murilo Sarney surgiu das páginas da *Status* Tudo que acaba emite sinais que, infelizmente, só vão ser entendidos quando não dá mais para voltar atrás.